

# Uma Leitura Geográfica da Obra Menino de Engenho

---

**Autor: Davi de Oliveira Almeida**

**UFPB - Universidade Federal da Paraíba**

## Resumo

Os relatos cotidianos de vivência e percepção são essenciais para a preservação e perpetuação de uma dada sociedade nos seus costumes, cultura, crenças e tradições. A memória pessoal e coletiva é vital para que isso aconteça. Estes fatores são de caráter social e espacial, pois o homem, ser social, as produz em um determinado espaço anteriormente produzido pelas suas ações civilizatórias, e as relações que são mantidas para que ocorra a continuidade da sociedade são puramente sociais. Neste artigo é trabalhado as relações que existem entre os relatos de Carlinhos, personagem da obra Menino de Engenho que vive no engenho de seu avô materno em uma época, início do século XX, em que o coronelismo imperava no Nordeste, com a Geografia. Esta obra é o objeto de estudo deste artigo, publicada em 1932 por José Lins do Rego. Procura-se trabalhar a ciência Geográfica em conjunto com a Literatura, através da interdisciplinaridade. É utilizado para abranger a discussão da Geografia com a Literatura, autores como Roberto Lobato Corrêa, Diva Machado e Maria Almeida. A pesquisa busca compor um discurso entre os dois conhecimentos, firmando cientificamente através do conceito geográfico de paisagem, dialogando também com os estudos sociológicos sobre a continuidade de um comportamento social expresso pela memória pessoal e coletiva. De forma sucinta, espaço e lugar são abordados. Com isso busca-se mostrar o que há de geográfico na obra “Menino de Engenho”, de José Lins do Rego.

**Palavras-chave: Preservação cultural; Relatos; Memória coletiva; Interdisciplinar**

## Abstract

The daily accounts of experience and perception are essential for the preservation and perpetuation of a given society in its customs, culture, beliefs and traditions. Personal and collective memory is vital for this to happen. These factors are of social and spatial character, since man, being social, produces them in a certain space previously produced by his civilizational actions, and the relations that are

maintained so that the continuity of the society happens are purely social. This article deals with the relationships that exist between the reports of Carlinhos, a character in the work of. Who lives in the ingenuity of his maternal grandfather in an era, beginning of the 20th century, where coronelismo ruled in the Northeast, with Geography. This work is the object of study of this article, published in 1932 by José Lins do Rego. It seeks to work Geographical science in conjunction with Literature, through interdisciplinarity. It is used to cover the discussion of Geography with Literature, authors like Roberto Lobato Corrêa, Diva Machado and Maria Almeida. The research seeks to compose a discourse between the two knowledge, establishing scientifically through the geographical concept of landscape, also dialoguing with sociological studies on the continuity of a social behavior expressed by personal and collective memory. Briefly, space and place are addressed. With this, we try to show what is geographic in the work "Menino de Engenho", by José Lins do Rego.

**Keywords: Cultural preservation; reports; collective memory; interdisciplinary**

## INTRODUÇÃO

Este artigo, sendo um trabalho de conclusão de curso, tem como objetivo e finalidade apresentar a inter-relação entre a Geografia e a Literatura através dos seus objetos de estudo e descrição, e também das teorias que comprovam essa relação. Os estudos de obras literárias sobre caráter geográfico não são recentes, pois se iniciaram na França na década de 1940, conforme destaca Monbeig (1940). Tomamos como ponto de partida para este estudo a inter-relação entre os dois conhecimentos, a literatura e a Geografia, tomando como referência a primeira obra de José Lins do Rego, Menino de Engenho, publicado no ano de 1932, que inaugurou uma vertente literária conhecida como "o ciclo da cana-de-açúcar", composto pelas seguintes obras: Menino de Engenho(1933), Banguê(1943), Fogo Morto(1943), Doidinho (1937), O Moleque Ricardo(1936) e Usina(1939), que são continuidades da história do primeiro livro e que se dão nos mesmos contextos sociais e no mesmo quadro ambiental dos engenhos no Nordeste. Segundo os críticos literários a obra é inspirada na própria vida do autor que nasceu no Engenho Corredor no município de Pilar em 3 de junho de 1901, sendo o seu nome completo José Lins do Rego Cavalcanti, filho de João do Rego Cavalcanti e Amélia do Rego Cavalcanti. Faleceu em 12 de setembro de 1957.

Uma das características geográficas da obra Menino de Engenho de Lins do Rego é que ela apresenta ao leitor o rio Paraíba, ou conforme registra a literatura geográfica, o Rio Paraíba do Norte, que nasce na Serra Jabitacá no Município de

Monteiro com outro nome, o rio do Meio, e possui aproximadamente 300 km de extensão, o que revela a sua importância para o estado, de modo especial para as cidades que surgiram às suas margens (TAVARES, 2003, p. 74). Isso não difere de outras sociedades que se formaram às margens de um rio. Através da narrativa dos fatos do personagem principal Carlinhos, que se dão no Engenho Santa Rosa, daí a denominação do romance intitulado “Menino de Engenho”, que pertence ao avô materno de Carlinhos, o coronel José Paulino, a obra apresenta a importância do rio para o engenho e para os moradores locais que dependem do suprimento da água para o consumo próprio e para as atividades agrícolas que garantem a reprodução social. Esta pesquisa não se limita a destacar apenas os relatos sobre a importância do rio para a sociedade, mas podemos registrar como os relatos de Carlinhos são de caráter geográfico, quando ele descreve características dizendo que “o rio no verão ficava seco de se atravessar a pé enxuto e apenas, aqui e ali, pelo seu leito, formavam-se grandes poços”(REGO, 2001, p.38), caracterizando os pequenos açudes, no qual pescavam segundo ele. E continuando, Carlinhos relata o aproveitamento econômico das várzeas do rio pelos habitantes locais, “pois plantavam batata-doce e cavavam pequenas cacimbas para o abastecimento de gente que vinha das caatingas, andando léguas, de pote à cabeça.”(REGO, 2001, p.38).

Essas narrativas revelam a importância de o geógrafo estudar ou adquirir conhecimento através de uma obra literária, fato já registrado por Machado e Almeida(2008) em um artigo intitulado “Geografia e Literatura: uma reflexão”, ao falar sobre a aproximação entre a Literatura e a ciência Geográfica, especialmente através da abordagem da Geografia Cultural, “que propõe a cultura como uma das vias para compreender as relações humanas entre seus pares, e com o meio e a sua influência na organização espacial”(p.2). Nessa linha de reflexão sobre o tema, Machado e Almeida(2008) afirmam que;

No contexto dessa abordagem a leitura e a interpretação de obras literárias tornam-se, para o geógrafo humanístico objetos de investigação, pois revelam e informam sobre a condição humana: os estilos de vida, as características sócio-culturais, econômicas e históricas e os diferentes meios físicos de determinada área retratada. Nessa acepção, reconhece-se a obra literária como documento de certa realidade, por situar coletividades ou indivíduos de determinado lugar. Com suas criações os escritores refletem uma visão de vida, de espaço, de homem e de lugares de uma determinada sociedade em certo período. Assim posto, as obras literárias revelam-se fontes para a compreensão da experiência humana .(p.2)

Na citação acima podemos perceber o quanto a análise de uma obra literária é importante e útil na construção do saber e fundamentação científico geográfico. Pois como as autoras afirmam, através da literatura podemos retirar o conhecimento sobre as características de uma dada sociedade, como economia, história, estilo de vida, aspectos sócio-culturais, o meio físico, entre outros,

reconhecendo uma obra literária como documento com referência a uma “certa realidade”, a verdade subjetiva ou a subjetividade de que fala (Fragale, 2010) sobre a inter-relação entre a Geografia e a Literatura, comentado aqui neste artigo no item 3 (A relação interdisciplinar entre a geografia e a Literatura). E sobre a “compreensão da experiência humana”, Machado e Almeida(2008) chamam atenção para o fato do surgimento da Geografia Humanística, que “busca entender as relações do homem com o meio vinculando experiência e meio, isto é, o espaço vivido mediado pelo lugar”(p. 3) , assim como a experiência vivida como exemplo e fundamento para, através da interpretação do sentimento e do entendimento humano sobre o espaço e o lugar, ligar-se com a Literatura. Sendo assim, na perspectiva humanística, na dimensão experimental e interpretativa, o “lugar encarna as experiências e aspirações das pessoas por isso é o centro de valor e sentido para a abordagem Humanística”(MACHADO e ALMEIDA, 2008, p. 10). O lugar sendo mais um fator de ligação entre os dois conhecimentos. Para a Geografia situar-se na Literatura, a compreensão do vivido, da subjetividade e da interpretação são fundamentais, sem ater-se a só procurar as semelhanças com as teorias/conceitos.

Esta pesquisa possui caráter interdisciplinar, não só limitando-se a Geografia e a Literatura, mas também a Sociologia, História, Antropologia, entre outras, que através de uma ‘leitura literária’, a Geografia adquire palavras chaves que a introduzem ao conhecimento de outras disciplinas através da busca na representação, dos símbolos, na identidade e a redefinição de cultura, que ampliam as relações com estas outras ciências (MACHADO e ALMEIDA, 2008). Mas a abordagem feita aqui restringe mais especificamente as duas primeiras, pois ambas estão sendo aferidas por meio da obra aqui estudada e a ciência na qual este trabalho de conclusão de curso está vinculado.

O artigo está assim estruturado; no item 1 é trabalhado inicialmente a leitura social da várzea paraibana, o rio Paraíba com as respectivas descrições físicas e as atividades que Carlinhos relata relacionando-as às suas circunvizinhanças; o item 2 é um breve debate entre o conceito de Paisagem, as relações e exemplificação do que está na narrativa da obra que são registradas através da memória do personagem principal; e o item 3 especifica e aborda a relação interdisciplinar que existe entre a Geografia e a Literatura e as considerações finais em que é apresentado a conclusão da geograficidade na obra Menino de Engenho. E sendo a metodologia um fator de grande importância no processo de elaboração de uma pesquisa que seja no meio científico, pois “toda questão técnica implica em uma discussão teórica”(Martins, 2004, p. 291), e para a adentrar na discussão teórica-metodológica, foi escolhida a pesquisa bibliográfica.

## **1. José Lins do Rêgo: sua memória e contribuição para uma leitura social da Várzea paraibana**

A contextualização da obra *Menino de Engenho* é baseada nas memórias da infância do autor José Lins do Rego, que viveu em um engenho, o Corredor, e que com a produção do livro, que foi o primeiro do autor, inaugurou segundo os críticos literários o chamado “ciclo da cana-de-açúcar”. O fato de se fazer uso e inspiração das memórias de um autor para a construção de uma história, é expressado nas palavras de Lima( 2000, p.19) nos seguintes termos;

Através das obras de cunho regionalista, podemos analisar o poder de visualização de um quadro ou situação de um dado momento mediante a percepção do escritor, fundamentada talvez em suas memórias. Impressões, observações dos lugares em que viveu ou simplesmente, atravessou enquanto viajante, chegando então mais próximo da compreensão do espaço vivido.

Essas características da literatura fazem-se presente em toda a obra de José Lins do Rêgo, pois ele fez uso de suas próprias experiências vividas em sua infância para construir o enredo da história, que mesmo não tendo propriamente acontecido de fato, mas que poderiam ter acontecido, havendo aparência com a realidade. Não são relatos reais, mas são de certa forma baseados em fatos reais.

Ainda referindo-se ao mesmo tema MACHADO E e ALMEIDA(2008, p. 16) afirmam, que “a linguagem literária comunica pois, aspectos da realidade ou fatos e tempos da experiência humana. Ela revela a visão e o posicionamento do escritor frente ao mundo”.

Sendo assim, Lins do Rego, através da busca de suas memórias de infância constrói a obra em estudo, na qual de fato é plena em descrição, revelando uma compreensão do espaço vivido por ele e pelos outros, o que faz o texto literário de Rego conter fatos geográficos, vinculados a paisagem e ao conteúdo social.

A espacialidade, as substâncias naturais e sociais são fatores comuns entre a Geografia e a Literatura, e que há um entrelaçamento das duas quando procuramos entender o homem e a sua relação com o meio em que vive. O espaço/ espacialidade é parte integrante dos significados construídos e reconstruídos pelos diversos grupos sociais e políticos no que concerne às suas práticas. Em uma comparação de significado do espaço ocupado tornando-se um lugar pela cultura–sociedade e pelo político, a várzea paraibana descrita nos relatos do menino Carlinhos, também contribui para uma leitura social. Nessa perspectiva Souza( 2013, p.115) diz que “o lugar está para dimensão cultural – simbólica assim como o território está para a dimensão política”. O espaço ocupado e/ou produzido, pode ser analisado na Literatura através da “compreensão da realidade a partir da influência da cultura na produção do espaço, assim como a significação da

espacialidade vivida... e na atribuição de valores às coisas que nos cercam”(MACHADO e ALMEIDA, 2008, pgs. 5 e 9).

A paisagem, o ver e o descrever, está presente constantemente, praticamente do início ao fim, em *Menino de Engenho*, pois a obra trata de uma narração descritiva, sendo tudo o que o personagem “Carlinhos” ver é novo para ele, havendo uma descrição própria para tudo. Podemos um ver um exemplo da descrição característica do personagem;

Pela estrada, toda sombreada de cajazeiras, recendia um cheiro ácido de cajá maduro. Nós íamos colhendo cabrinhas amarelas e arrebenta-bois vermelhos que não comíamos porque matavam as pessoas. Depois a cerca de arame abria-se num terreiro que dava para uma casa de telha, com parede de barro escuro. Um menino nu, que estava à porta, correu assombrado para dentro de casa. Umas mulheres apareceram. (REGO, 2001, pag. 34.)

Através do estudo e da observação da paisagem pode-se analisar, receber e perceber os estímulos, as coisas e os seus significados que ela pode passar para o observador, neste caso “Carlinhos” e sua percepção do rio Paraíba. Por meio da descrição da paisagem, o regionalismo surge por meio de referência da descrição do horizonte natural com elementos que afetam diretamente a vida humana e também as características que distinguem determinada sociedade de outra através do lugar que ela ocupa. Freyre(1996) fala que um local deve ser regionalmente estudado para que não haja a perda do “sentido da unidade”, da cultura e da natureza, o homem e a paisagem. Mais uma vez falando sobre regionalismo, Freyre(1996, p.3) destaca o Nordeste como uma região especial e única dizendo que “talvez não haja região no Brasil que exceda o Nordeste em riqueza de tradições ilustres e em nitidez de caráter”. O exemplo em *Menino de Engenho* está nas influências que o rio Paraíba exerce sobre a população, quando ele fornece local melhor para o plantio de subsistência e a comoção que a cheia exerce sobre as pessoas e as consequências da mesma.

Também na conceituação do espaço, podemos perceber que paisagem e espaço estão imbricados entre si, associados através da produção humana e nisso Milton Santos (1993, p.23 ) diz que o espaço é “algo dinâmico e unitário, onde se reúnem materialidade e ação humana. O espaço seria o conjunto indissociável de sistemas de objetos, naturais ou fabricados”, ou seja, Santos nos diz que a dinâmica do espaço envolve uma junção de duas ações distintas que existe relação entre si e que não se separam, sendo elas de caráter humano e natural(natureza e o homem). Elas não existem unitariamente no espaço, pois sempre estão em correlação. Um exemplo claro seria o fato de que existem dependências de funcionalidades que a sociedade tem para com a natureza, mas que esta não depende da primeira para existir, sendo que nela está posta marcas da dependência da atividade humana. Outro exemplo como “objeto de uso” é o próprio rio Paraíba, que possui características da atividade humana fabricados em seu leito e as características naturais produzidas pela ação das águas, que neste caso são as consequências da

ausência da mesma, no leito do rio. Podemos ver isso na citação a seguir, que está presente o “conjunto indissociável” de objetos naturais ou fabricados;

Lá um dia, para as cordas das nascentes do Paraíba, via-se, quase rente ao horizonte, um abrir longínquo e espaçado de relâmpagos: era inverno na certa no alto sertão. As experiências confirmavam que com duas semanas de inverno o Paraíba apontaria na várzea com sua primeira cabeça-d'água. O rio no verão ficava seco de se atravessar a pé enxuto. Apenas, aqui e ali, pelo seu leito, formavam-se grandes poços, que venciam a estiagem. Nestes pequenos açudes pescava-se, lavavam-se os cavalos, tomava-se banho. Nas vazantes plantavam batata-doce e cavavam pequenas cacimbas para o abastecimento de gente que vinha das caatingas, andando léguas, de pote à cabeça. O seu leito de areia branca cobria-se de salsas e junco verde-escuro, enquanto pelas margens os marizeiros davam uma sombra amiga nos meios-dias. Nas grandes secas o povo pobre vivia da água salobra e das vazantes do Paraíba. (REGO, 2001, p. 38.)

A narrativa e a discussão do autor, dialoga com os argumentos de Lobato Corrêa(1998, p.98), quando este autor fala que “a paisagem, de fato, é uma “maneira de ver”, uma maneira de compor e harmonizar o mundo externo em uma “cena”, em uma unidade visual”. Corrêa se refere ao estudo do conceito de paisagem que aqui mencionamos, porque a percepção de um local e suas simbologias está atrelado a interpretação da paisagem, seja individual ou coletivo. Tanto na época em que decorre a narrativa de Menino de Engenho, como em outras e atualmente, há a questão de posse social do lugar, naturalmente produzido pelos que nele vivem, o sentimento de pertencimento, e também alguns, sendo a minoria que tem certo poder econômico e político, “extravasam” esse sentimento na forma inversa, apropriando-se de tudo com certo despotismo como o coronel José Paulino.

Ao referir-se a “posse social” do lugar, Souza (2013, p.113) diz que “a experiência e a imaginação humanas se apropriam das características e qualidade físicos-materiais da localização geográfica”. E destacando a importância do conceito de lugar, o diálogo ainda continua com Souza (2013, p.116), que afirma: “(....) espaços tais como bairros ou regiões merecem ser cuidadosamente valorizados como lugares”. Determinados lugares existem e são identificados através das atividades típicas que sempre são reproduzidas por aqueles neles vivem.

O ato de descrever, ou a descrição em si, foi um importante recurso metodológico que Vidal de La Blache utilizou em toda a sua obra. La Blache “partia da perspectiva de que interessa ao geógrafo investigar a distinção dos lugares por meio de suas características próprias”(QUEIROZ, 2014, p. 2). Considerando toda a passagem, às ações e a história humana, podemos ver na narrativa de Carlinhos a sobreposição de um lugar distinto por sua descrição;

Pouco mais adiante, debaixo de um marizeiro, de copa arrastando no chão, lá estava uma destas piscinas que o curso e a correnteza do rio cavava nas suas margens... Daquele banho ainda hoje guardo uma lembrança à flor da pele. De fato, para mim, que me criara nos banhos de chuviscos, aquela piscina cercada de mata verde, sombreada por uma vegetação ramalhuda, só poderia ser uma coisa do outro mundo. (REGO, 2001, p. 24 e 25.)

É interessante a forma como Carlinhos retém descritivamente em suas lembranças todos os aspectos do lugar. Ele supervaloriza na citação acima o lugar através de suas características naturais e até afirma que é “coisa de outro mundo”, visto que antes ele vivia na cidade, de fato considerava tudo a sua volta como de outro mundo. O aspecto natural o distanciou do seu primeiro mundo.

## **2. Paisagem e memória de um personagem de José Lins do Rego.**

Em relação ao homem se afirmar como detentor e conhecedor da natureza por ele habitada, La Blache fez a seguinte pergunta: “como o homem, ao mesmo tempo tão tributário da natureza, foi capaz de superá-la (não totalmente, decerto), tornando habitável (e conhecida) boa parte da superfície terrestre?” (RIBEIRO, 2012, p.37 *apud* QUEIROZ, 2014, p. 2 ) De certo, segundo Ribeiro, a ideia de que a descrição das paisagens que estão presentes no método vidaliano, “representa a busca pela identificação in loco dos fenômenos” (RIBEIRO, 2008, *apud* QUEIROZ, 2014, p. 2.). Tudo isto é contemplado, mais uma vez, com a descrição e o conhecimento do comportamento das águas do rio Paraíba descritas por José Lins do Rego através do personagem:

Nas vazantes plantavam batata-doce e cavavam pequenas cacimbas para o abastecimento de gente que vinha das caatingas, andando léguas, de pote à cabeça... O povo gostava de ver o rio cheio, correndo água de barreira a barreira. Porque era uma alegria por toda a parte quando se falava da cheia que descia. E anunciavam a chegada, como se tratasse de visita de gente viva: a cheia já passou na Guarita, vem em Itabaiana... A notícia corria de boca em boca. No engenho era no que se falava. A canoa já estava calafetada e pintada de novo. Nós todos dormíamos pensando na cabeça da cheia que não tardaria. Eu aguardava com uma ansiedade medonha essa cheia de que tanto se falava. (REGO, 2001, pgs. 38 e 39.)



Nesta descrição podemos observar um relato do comportamento da população de quando o rio estava na época de estiagem, que nas vazantes, fotografias 1 e 2, eram cavados poços para o abastecimento de água para consumo, e que era aproveitado o solo úmido para plantação de subsistência. Isso revela como a população não tinha acesso ao uso da água de barragens maiores do que um simples poço. Praticavam suas atividades de plantio da forma como que podiam, nas condições que o rio oferecia nas épocas de chuva e de estiagem. Observando o comportamento do Paraíba a população podia prever de forma mais certa o que ia acontecer, chovendo ou não. Era necessário conhecer o regime de secas e cheias, para não se perder uma plantação em uma inundação.



Fotografia 1. O rio Paraíba na região do município de Itabaiana - PB. Na margem esquerda da imagem estão as vazantes, onde a terra está úmida e própria para o plantio. Fonte: Geovani Santos (16/11/2012).



Fotografia 2. Fotografia tirada sobre o leito exposto do rio Paraíba na região do município de Umbuzeiro - PB. Fonte: Site “Casinhas Agreste”(09/07/2015).

Como afirma Santos (1988, p.21), “tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem”. A paisagem em análise está presente em todos os momentos de Carlinhos, pois tudo o que ele estava vendo e vivenciando era novo e tinha uma paisagem nova a ser conhecida, pois tinha se mudado da cidade para o campo para o engenho Santa Rosa do seu avô materno, o Coronel José Paulino. Assim, tudo o que se passava diante de seus olhos era interessante, além de novo como já dito, era descrito e passível de seu ponto de vista como observador. Santos (1988, p. 21) continua dizendo que a paisagem “pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca”, não sendo formada apenas de volumes, “mas também de cores, movimentos, odores, sons, etc.” Contextualizando em uma perspectiva histórica, concordamos que “a paisagem não se cria de uma só vez, mas por acréscimos, substituições; a lógica feita de um objeto no passado era a lógica da produção daquele momento”(SANTOS, 1988, p. 23). Em Menino de Engenho existe um exemplo de um objeto geográfico do passado, que revela uma mentalidade e o uso do trabalho escravo, que embora tivesse sido abolido do ponto de vista formal, persistia no Engenho Santa Rosa numa forma que traduzia um outro comportamento social;

“RESTAVA AINDA A SENZALA dos tempos do cativeiro. Uns vinte quartos com o mesmo alpendre na frente. As negras do meu avô, mesmo depois da abolição, ficaram todas no engenho, não deixaram a rua, como elas chamavam a senzala. E ali foram morrendo de velhas. Conheci umas quatro: Maria Gorda, Generosa, Galdina e Romana. O meu avô continuava a dar-lhes de comer e vestir. E elas a trabalharem de graça, com a mesma

alegria da escravidão. As duas filhas e netas iam-lhes sucedendo na servidão, com o mesmo amor à casa-grande e a mesma passividade de bons animais domésticos.” (REGO, 2001, pag. 69.)

Além da continuidade do comportamento social que as ex-escravas mantinham de subserviência no engenho, ainda persistia as marcas físicas do tempo da escravidão na paisagem, que dava apoio para a continuação e afirmação do sentimento de pertencimento ao lugar e daquela condição de vida abolida em 1888 pela Lei Áurea, assinada pela princesa Isabel. Por isso, baseando-se em Milton Santos(1988), pode-se concluir que este comportamento se tornou parte da paisagem do Engenho Santa Rosa, porque uma paisagem pode ser escrita, retida, sobre outra, uma do passado sobre a do presente, possuindo um conjunto de objetos e comportamentos com idades e tempos diferentes. “Se juntos se mantêm elementos de idades diferentes, eles vão responder diferentemente às demandas sociais”(SANTOS, 1988, p. 23). Isso explica o fato de personagens históricos, as negras, manterem práticas de subserviência típicos da sociedade escravocrata, mesmo ela tendo sido abolida oficialmente.

Como toda a história relatada em Menino de Engenho são relatos de um menino, no caso o narrador, que conta sobre a sua infância, alguns anos que ele passou no engenho de seu avô, se tratando então de lembranças de sua memórias, traz-se para este trabalho a sinalização de que o assunto envolvendo memórias deve ser abordado, neste caso a memória histórica pessoal de Carlinhos. Nisto temos um exemplo dito por Ecléia Bosi no seu estudo “Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos (1994)”, assim como está no título de sua principal obra, acerca do sujeito que conta a história, não só contando mais descrevendo o que viu;

O que me chama a atenção é o modo pelo qual o sujeito vai misturando na sua narrativa memorialista a marcação pessoal dos fatos com a estilização de pessoas e situações e, aqui e ali, a crítica da própria ideologia” (Ecléia Bosi, 1994, p. 458-9, *apud* Salles Oliveira, 2013 p. 90. ).

Exemplificando “marcação pessoal dos fatos com a estilização de pessoas e situações”, Carlinhos quando vê pela primeira vez alguém, está sempre caracterizando-o conforme os seus comportamentos, a aparência e a posição social;

AINDA ME LEMBRO de meu pai. Era um homem alto e bonito, com uns olhos grandes e um bigode preto... Todos os retratos que tenho de minha mãe não me dão nunca a verdadeira fisionomia que eu guardo dela — a doce fisionomia daquele rosto, daquela melancólica beleza do seu olhar... O trem era para mim uma novidade. Eu ficava à janelinha do vagão a olhar os matos correndo, os postes do telégrafo, e os fios baixando e subindo. Quando chegava a uma estação, ainda mais se aguçava a minha curiosidade. Passavam meninos com roletes de cana e bolos de goma, e gente apressada a dar e a receber recados. E

uma porção de pobres a receber esmolas... Na estação estava um pretinho com um cavalo, trazendo umas esporas, um chicote e um pano branco. Meu tio estendeu o pano branco na anca do animal, montou, e o pretinho atirou-me para a garupa...(REGO, 2001, pgs. 18-22).

Carlinhos estiliza muito as pessoas, pois as caracteriza muitas vezes, quando estes não tem posição “significante” na sociedade, por sua aparência, diretamente, como a cor da pele, sendo o homem que o ajudou a montar no cavalo nada a mais que “um pretinho com um cavalo”, não dando a oportunidade de uma descrição que identifique o homem como ser social com suas maneiras e comportamento únicos de cada pessoa, mas só o define pela cor de forma pejorativa, revelando como a sociedade, não só o Carlinhos, tratava e via os negros pouco tempo depois da abolição da escravidão. Isso é apenas um dos fatores históricos e sociais que no futuro irão produzir estatísticas concebidas e pré-concebidas do envolvimento da maior parte da população negra nos índices de violência e pobreza social.

Continuando a abordagem sobre a memória, ferramenta fundamental para o personagem narrador que conta sobre a sua infância, Oliveira(2013, p.93 ) destaca outra passagem do livro “Memória e Sociedade” de Ecléia Bosi , que mais uma vez reforça a importância (não só em questão de níveis de importâncias, mas é a base para qualquer fato contado, circunstâncias analisadas e descrição de algo que aconteceu no passado) da memória na construção de todos os relatos dando “concretude”, através da fala e/ou escrita, do que foi vivenciado;

O movimento pelo qual se constrói a memória remete, portanto, a múltiplos caminhos: aos meandros insondáveis da liberdade de um espírito que se defronta com a matéria (memória-sonho), aos quadros sociais que a situam e delimitam (memória-trabalho) e às mediações por que passa ao longo do tempo. Eis aí a razão pela qual o psicólogo William Stern pontua que a “a lembrança é a história da pessoa e seu mundo, enquanto vivenciada” ( BOSI, 1994, p. 68, *apud* OLIVEIRA, 2013, p. 93).

E continuando na via do termo memória e sociedade que Ecléia Bosi fala, temos também, diria, o termo sinônimo “memória coletiva”, que é o que dá partida, função e conteúdo a esta pesquisa, pois o livro que aqui é estudado é composto de memórias de um menino de engenho, o Carlinhos, que também aprende e compreende os fatos ao seu redor a partir das memórias de outras pessoas, outros personagens. Temos nas definições de Jacques Le Goff (1924), que ele traz o termo “monumento” que em latim é *monumentum* ,do espírito(*mens*), e da memória (*memini*);

O monumento tem como características o ligar-se ao poder de perpetuação, voluntária ou involuntária, das sociedades históricas (é um legado à memória coletiva) e o reenviar a testemunhos que só numa parcela mínima são testemunhos escritos. ( LE GOFF, p. 537).

Existe um desejo de continuidade e perpetuação de uma dada sociedade, quando adultos se reúnem com crianças para contar-lhes histórias passadas na família e na localidade em que vivem, sendo assim, as crianças obtêm conhecimentos e ensinamentos através da oralidade fundamentada na memória dos mais velhos que ajudam a continuação de comportamentos e costumes que reproduzem uma cultura própria, que vai sendo passada através das gerações. E um dos muitos relatos de carlinhos são passados para ele, ou seja, conhecimentos passados para a próxima geração. Em “Meus Verdes Anos” Rego(2012, p.155) fala sobre a transferência do conhecimento para Carlinhos e sua posição na história;

Aprendeu as primeiras crônicas familiares através das conversas das criadas. Fascinavam-no, em especial, as histórias da velha Totônia, narrativas em versos originárias do cancionário ibérico. E ele seria o testemunho da decadência do engenho de açúcar, logo substituído pela usina, num processo de transformação da estrutura social e econômica do Nordeste.

A oralidade está muito presente na construção da história de Carlinhos antes e durante a estadia no engenho. Os seus relatos não são só apenas particulares, pois envolvem a percepção e experiência dos outros. Ele faz ‘empréstimo’ dos relatos de outros personagens que o cercam e ensinam como é a nova vida que ele teve que passar.

### **3. A relação interdisciplinar entre a literatura e a geografia presentes em Menino de Engenho**

Iniciando a discussão associativa entre a geografia e a literatura, Cavalcante(2015, p. 27), citando Fernando Pessoa ( Obras em Prosa em um volume, 1976), afirma que a literatura, como arte de modo geral, “assim como a geografia, enquanto elaboração humana, também promove pontos de vista, percepções, opiniões, além de se constituir um fazer-pensar humano que revela o valor da passagem do homem sobre a Terra”. São denominadores comuns de aproximação e ligação entre os dois conhecimentos, o homem e o lugar(MACHADO e ALMEIDA,2008). Continuando, Cavalcante cita mais o que Fernando Pessoa diz sobre a literatura(arte) e o papel dela com o homem e suas ações no mundo, que fala que “o valor essencial da arte está em ela ser o indício da passagem do homem no mundo, o resumo da sua experiência emotiva dele...”(PESSOA, Fernando, 1976, p 218 apud Cavalcante, 2015, p27). A relação, segundo MACHADO e ALMEIDA(2008, p.11), vista de forma mais direta, entre a Geografia e a Literatura está no enfoque “cultural sobre o espaço e o ser social independente de tê-lo como objeto, sujeito, manifestação ou como uma abordagem”. Também Fernandes(2012) afirma que a o campo disciplinar entre a Geografia e Literatura surge a partir da desenvolvimento da Geografia Cultural nos anos 1990.

A Literatura tem seu viés imaginário, fictício, utópico entre outras características que fogem dos fatos que realmente ocorrem e da verdade ou fato comprovado

cientificamente, que na Literatura possui significado diverso( o termo verdade). Para discutir aqui este assunto, Cândido(1968) traz o termo verossimilhança para expor o papel da verdade na ficção literária. A verdade neste meio pode ser uma atitude subjetiva em que o autor faz-se uso para haver a verossimilhança, ou o contrário, a verossimilhança obtida através da subjetividade do autor da obra, quando algo escrito e ou narrado, no caso de Menino de Engenho, é produzida de forma que não está ligado ao um acontecimento verídico, mas pode acontecer e de fato aconteceu, mas não da forma como está escrito. “Todavia, a aparência da realidade não renega o seu caráter de aparência. Não se produzirá, na ‘verdadeira ficção’, a decepção da mentira ou da fraude”(Candido, 1968, p. 13). Ou seja, não compete a literatura a passar algo de comprovação verídica que faça com que o leitor seja “enganado”, pensando que aquilo aconteceu de fato.

No que se refere a relação interdisciplinar entre a Literatura e a Geografia, sobre a “geograficidade” da obra “Menino de Engenho”, ou seja, considerando do ponto de vista comparativo e característico dos aspectos geográficos, Fragale (2010, p, 74) expõe os aspectos de cada uma, Geografia e Literatura , e a relação que mantém uma com a outra. Sobre a Literatura e a Geografia ela diz:

A primeira atende a prerrogativa estética, valorizando sobretudo a capacidade de modelação da realidade e a dialetização da verdade com tudo o que é afirmativo da subjetividade e da imaginação; a segunda considera a dialética entre homem e natureza, a inter-relação entre o caráter factual dos lugares e a dimensão existencial que a eles se agrega.

Está em uma lembrança de Carlinhos um exemplo de subjetividade e imaginação do observador e narrador, possível até para um adulto ter, pois trata-se de algo contado do ponto de vista de outro, veiculado pela memória coletiva;

A minha mãe falava-me sempre do engenho como de um recanto do céu. E uma negra que ela trouxera para criada sabia tantas histórias de lá, das moagens, dos banhos de rio, das frutas e dos brinquedos, que me acostumei a imaginar o engenho como qualquer coisa de um conto de fadas, de um reino fabuloso... E era com olhos de deslumbrado que olhava então aqueles sítios, aquelas mangueiras e os meninos que via brincando por ali... Minha imaginação vivia assim a criar esse mundo maravilhoso que eu não conhecia. (REGO, 2001, pgs. 22 e 25)

Sobre a prerrogativa estética, as narrações do menino Carlinhos estão repletas de idéias ou ideais pré concebidos acerca de lugares e de pessoas que ele ainda não viu e conheceu, e aqueles em que ele descreve com a sua imaginação subjetiva. E também ocorre nas descrições e relatos do menino as características do rio Paraíba, o seu entorno, consequências naturais e sociais da cheia. Fragale ( 2010, p. 74 e 75)

continua com a exposição das características distintas entre a Literatura e a Geografia;

Tecnicamente, o texto literário se compõe da interação de categorias ficcionais (narrador, ponto de vista, tempo, espaço, personagem, recursos estilísticos, estratos imagéticos etc.), dentre os quais o espaço é um dos mais importantes, sem poder ser, todavia, dissociado dos demais; a abordagem geográfica se centra no espaço e nos lugares que ele compreende, focalizando, essencialmente, a análise de seus elementos.

Finalizando os exemplos de outros autores apresentados neste artigo, temos as palavras de Lima(2000) sobre exemplificar o empenho de relacionar a Geografia com a Literatura. Ele afirma;

...deve ser frisado que muitas manifestações nacionais no campo das Letras estão impregnadas do que poderíamos chamar de caráter geográfico, ao relatarem os estilos de vida, as características sócio-culturais, as estruturas econômicas, agrárias, como a diversificação do meio físico do país através dos diferentes momentos de sua história... mediante os relatos memoriais, crônicas, diários de viagens e expedições em terras brasileiras escritos durante os períodos das descobertas ultramarinas, resgatamos as informações necessárias para a reconstituição da paisagem historico-geografica do nosso país. (LIMA, 2000, p.13)

Um grande exemplo na história do Brasil, é o primeiro documento produzido sobre o mesmo, que não era propriamente geográfico, mas a descrição da paisagem é o fundamento do conteúdo, que foi escrito em Abril de 1500 por Pero Vaz de Caminha, que serviu como relato ou “relatório de campo” da viagem de descoberta para a Coroa Portuguesa. Nele Caminha descreveu tudo o que viu, dos aspectos físicos dos indígenas as características naturais. Em uma descrição antes de chegarem às terras do Brasil, nas palavras dele;

Neste dia, a horas de véspera, houvemos vista de terra! Primeiramente dum grande monte, mui alto e redondo; e doutras serras mais baixas ao sul dele; e de terra chã, com grandes arvoredos: ao monte alto o capitão pôs nome – o Monte Pascoal e à terra – a Terra da Vera Cruz.(CAMINHA, abril de 1500).

Antes de chegar de fato no Brasil, em terra, Pero Vaz de Caminha se antecipa na descrição da nova conquista da Coroa Portuguesa, e descreve o que ver no horizonte de descoberta. Nesta parte ele só relata o meio físico, o relevo e a vegetação. Esta carta não se trata de ser somente o primeiro documento produzido do Brasil, mas também o primeiro relato descritivo da nova paisagem para os portugueses deste país, além de também servir como relato histórico social dos índios que foram os primeiros habitantes, revelando o comportamento, os aspectos físicos e como os europeus viam os nativos. Isso evidencia que o viajante e explorador colonial era o antepassado do geógrafo.

## Considerações Finais

A obra aqui exposta para uma discussão de associação com a geografia, de José Lins do Rêgo, é construída e baseada em relatos de um menino, ou seja, baseada no ponto de vista de uma criança, que naturalmente pode distorcer e imaginar ao seu modo (literatura), e a capacidade de compreensão dos fatos ocorridos ao seu redor, no que é observável, que estão inseridos na paisagem, sejam eles de ocorrência e característica natural, seja social (geografia).

Por ser a ciência geográfica muito abrangente nos seus estudos, poderíamos dizer que o espaço seria o objeto geral de estudo da Geografia, pois abarca do ponto de vista natural e humano - natureza e sociedade(desde a primitiva a moderna/atual). Muito do que é produzido na literatura, seja mundial, seja brasileira, há presente a Geografia. Porque seja qual for a história, podendo ser verídica, baseada em fatos reais ou fictícia, estará presente o homem enquanto ser social produtor do espaço, modificador da natureza, pois a modifica para produzir o anterior, e também a própria natureza, caso a obra não envolva em seu enredo a sociedade ou apenas um único indivíduo.

Em Menino de Engenho, o autor passa através da narrativa, dos relatos e descrições do menino Carlinhos um compêndio sobre a história, o comportamento, as características e a natureza do que está ao seu redor. Quando ele vai até o rio Paraíba e descreve como ele está em seus aspectos físicos e o que os moradores das redondezas do rio e do engenho estão fazendo, com isso denota o social e o natural, mostrando e exemplificando quais são as atividades e o aproveitamento que aquele ou determinado povo está fazendo com o patrimônio natural que o circunda . Até pode-se obter desta obra aqui analisada, questões da Antropologia, História, Sociologia não apenas as relações entre geografia e literatura.

Se um geógrafo, ou outro pesquisador, estiver interessado em saber sobre a região em que acontecem os fatos e suas características naturais e sociais, ele poderá consultar o livro Menino de Engenho, pois chega-se à conclusão que esta obra de José Lins do Rego possui vasto conhecimento geográfico, claro que de maneira superficial porque não compete a obra ser uma produção geográfica, mas que oferece sobre a ótica de quem viveu aquilo, mesmo que de forma diferente, que foi o próprio autor da obra, que viveu quando criança em um engenho, o Corredor, no município de Pilar-PB,, servindo de referência e experiência própria vivida para produzir a narrativa do ponto de vista do observador principal.

Partindo do fato que tudo que o personagem principal, Carlinhos, faz ou diz, que é descrever e analisar o observável, a paisagem e nelas inserido o comportamento social, temos um estudo geográfico, claro que em um ponto de vista de uma criança, rico em descrições e análises do que naturalmente foi e é produzido, e do que o homem produz no espaço habitado ou não. A obra de José Lins do Rego é do início ao fim uma “enciclopédia” do local em que o menino Carlinhos foi morar após a morte de sua mãe e internação de seu pai. Antes de Carlinhos ir para o engenho,



ele já elabora em seus pensamentos as idealizações que como é o lugar através do que é lhe contado.

Através da leitura e estudo de Menino de Engenho, é possível levantar duas importantes questões que fundamentam esta pesquisa; Qual a importância da literatura para a Geografia? E em que medida é possível estabelecer correlações entre esses dois campos do saber? A literatura está carregada do imaginário do autor e do popular, que mesmo que de forma fictícia e até utópica, ela nos passa um conhecimento variado sobre a natureza e o social. As correlações estão no fato de que tudo no mundo literário envolve o natural e o social em conjunto ou separados, sendo estes objetos de estudo da Geografia.

## Referências Bibliográficas

CAMINHA, Pero Vaz. Carta de Pero Vaz de Caminha. Acessada no site “A Biblioteca Virtual de Literatura”. Acesso realizado no dia 01/11/2016. Link disponível em: <http://www.biblio.com.br/default.asp?link=http://www.biblio.com.br/conteudo/p/erovazcaminha/carta.htm>

CANDIDO, Antonio; ROSENFELD, Anatol; PRADO, Décio de Almeida; SALES, Paulo Emilio Gomes. A Personagem de Ficção. 2a edição, Editora Perspectiva, São Paulo, 1968 .

CAVALCANTE, Tiago Vieira. Revista OKARA: Geografia em debate. Anotações Para Uma Possível Relação: literatura, redes e região. Okara, v.9, n.1, p. 26-34, João Pessoa, 2015.

CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço: um conceito-chave da Geografia. In: Geografia: Conceitos e Temas. Rio de Janeiro (RJ), Ed. Bertrand Brasil S.A, 1995.

CORRÊA, Roberto Lobato. Formas Simbólicas e Espaço. Texto do Relatório Técnico Final do CNPq referente ao período 2008-2010. UFRJ, 2010.

CORRÊA, Roberto Lobato. Paisagem. In: Paisagem, Tempo e Cultura. Rio de Janeiro (RJ), Ed. UERj, 1998.

FERNANDES, Marco Aurélio. A RELAÇÃO CIDADE - CAMPO NO ROMANCE O MOLEQUE RICARDO DE JOSÉ LINS DO REGO. João Pessoa –PB, 2012.

FREYRE. Gilberto. Manifesto Regionalista. 7 ed. Recife: FUNDAJ, Ed. Massangana, 1996. p.47-75.

GASPARETTO, Antônio Junior. Escola dos Annales. **Info Escola**. Pesquisa sobre a Annales d’Histoire Économique et Sociale disponível em :

<http://www.infoescola.com/historia/escola-dos-annales/>  
23/08/2016)

(Acessado em

LE GOFF, Jacques, **História e memória** / Jacques Le Goff, 1924 tradução Bernardo Leitão ... [et al.] -- Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990. (Coleção Repertórios)

LIMA, Solange Terezinha de. **Geosul**. Geografia e Literatura: alguns pontos sobre a percepção de paisagem. Florianópolis, v.15, 0.30, p 7-33, jul./dez. 2000.

MACHADO, Diva Aparecida Olanda. ALMEIDA, Maria Geralda de. **Geosul**. A geografia e a literatura: uma reflexão. Florianópolis, v. 23, n. 46, p 7-32, jul./dez. 2008.

MARTINS, H. H. T. de S. Metodologia qualitativa de pesquisa. **Revista educação e pesquisa**, v. 30, n. 2, 2004.

MONBEIG, Pierre. Literatura e Geografia. Ensaio de Geografia Humana Brasileira. São Paulo. Livraria Martins, 1940.

NUÑEZ, Carlinda Fragale Pate. Uma Odisséia no espaço: a geografia na literatura. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (org.). *Temas e caminhos para a geografia cultural*. Rio de Janeiro. EdUERJ, 2010, pp. 73-113.

QUEIROZ. Guilherme de Oliveira. Paisagem, Descrição e a Geografia Imagética. Universidade da Federal Fluminense. VII Congresso Brasileiro de Geógrafos.

REGO, José Lins do. Menino de engenho / José Lins do Rego; nota de Carlos Drummond de Andrade; estudo de Antônio Carlos Villaça. — 80. ed. — Rio de Janeiro; José Olympio, 2001.

REGO, José Lins do. Meus Verdes Anos. Apresentação de Fábio Lucas. Editora José Olympio LTDA 9 ed., Rio de Janeiro, 2012.

SALLES. Paulo de Oliveira. Metodologia das Ciências Humanas. Caminhos de Construção da Pesquisa Em Ciências Humanas. Editora UNESP Fundação/Editora HUCITEC, São Paulo, 1998.

SALLES. Paulo de Oliveira. Sobre Memória e Sociedade. Revista USP • São Paulo • n. 98 , p. 87-94. Junho/Julho/Agosto de 2013.

SANTOS, Milton. METAMORFOSES DO ESPAÇO HABITADO, fundamentos Teórico e metodológico da geografia. Hucitec. São Paulo 1988.

SANTOS, Milton. Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e meio técnico-científico informacional. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993

SOUZA, Marcelo Lopes. *Lugar e (re[significação] espacial*. In: Os Conceitos Fundamentais da Pesquisa Sócio-espacial. Rio de Janeiro (RJ), 1ª edição, Ed. Bertrand Brasil, 2013.

TAVARES, Lígia Maria da Silva. Nas Margens do Rio Paraíba do Norte. Cadernos do Logepa, vol. 2. João Pessoa, 2003.